

ANO IV - N.º 8 JUNHO/2001

BOLETIM O GABELENSE

ASSOCIAÇÃO dos NATURAIS, EX-RESIDENTES
e AMIGOS da GABELA
Rua Américo Durão, Lote 16 - 7.º C - 19000 LISBOA
Tel. 21 848 232

**ENCONTRO MOGOFORES
24 DE JUNHO/2001 - PÁG. 11**

Capa de Acácio Oliveira

EDITORIAL

No momento em que se perspectiva a saída de mais um número do nosso Boletim semestral, que já vai no oito, com distribuição em Junho e Dezembro de cada ano, renasce a ideia e a convicção de que se devem tomar novas e mais iniciativas, que não seja apenas a realização do nosso Encontro Anual, que este ano se realiza no dia 24 e que, apesar de importante, não é suficiente, se considerarmos o que de facto a nossa Associação pode e deve proporcionar a cada gabelense, tendo em conta a sua existência que já ultrapassou os vinte anos...

Como o tempo passa! Parece que foi ontem que nos fixámos em Portugal em busca de paz e tranquilidade, para podermos continuar a realização dos nossos intentos,

refazer as nossas vidas, interrompidas numa terra-Gabela-Amboim-Angola, que também consideramos nossa e donde injustamente fomos compelidos a abandonar...

Recuperámos em Portugal mas ainda não refeitos das dúvidas e ansiedades que lá e cá tivemos, para que essa recuperação se concretizasse, com trabalho árduo e persistente, deixando em cada um marcas que, estamos certos, ainda se não desanuviaram e que no sossego dos nossos lares, meditando, ainda julgamos tratar-se de um longo pesadelo, de que muitos ainda não se refizeram, tantas foram as amarguras da retirada em debandada e numa chegada sem apoios e acompanhamento social, inserindo-nos na nova sociedade, que nos fizesse esquecer os maus momentos, bem

amargos para a maioria, e que, por meios próprios reduzidos, tiveram de enfrentar as agruras de uma nova vida bem difícil de vencer...

Resta-nos o orgulho pela forma como todos enfrentaram a situação e o espírito empreendedor que os motivou à recuperação, em que nada os fez esmorecer, apesar das dificuldades com que, desde a chegada, se confrontaram.

Em frente "GABELENSES"; continuem a mostrar que são e foram capazes. Nada de desânimos. Nunca será demais demonstrar que se não esgotaram as nossas capacidades, espírito de iniciativa e vontade de vencer. Bem haja a todos...

A Direcção agradecida.

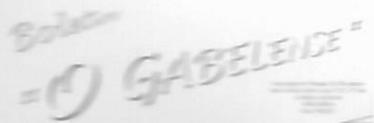
Índice

A minha penúltima viagem a Angola	3
Uma carta da América	6
A Jangada	7
Encontro Mogoforos 2001 – Programa	11
Continuamos a sonhar	14
Ao correr da pena... ..	16
A Ciência	17
Só para recordar... ..	19
Relembrar	22
Conta corrente da Associação/Divagando pela avenida	23



Mulher Angolana colhendo café

FICHA TÉCNICA



Propriedade: Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela

Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C – 1900 LISBOA – 21.848 23 23

Redacção: Todos os Gabelenses

Composição Gráfica e Paginação: Elsa de Almeida

1ª página, Última página, páginas centrais e Impressão: Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

Periodicidade: Semestral

A MINHA PENÚLTIMA VIAGEM EM ANGOLA



Artur Neto Gonçalves

Era o mês de Julho de 1975. Eu vivia na cidade de Silva Porto, capital da Unita, fundada e dirigida por Savimbi. Durante esse ano, pude verificar os movimentos políticos que se mexiam no terreno. Estavam todos os partidos representados. Só a Unita se mostrava com adeptos e tropas em número avassalador. Os outros partidos políticos tinham um número muito diminuto de tropas no terreno, sem grande representatividade.

Todos os dias havia procissões de populares adeptos da Unita os quais, de um momento para o outro, surgiam

na cidade, vindos não se sabia donde. Não empunhavam cartazes; não gritavam slogans; não se deslocavam indisciplinados. Pelo contrário, seguiam em boa ordem; aparentemente, não tinham ninguém a comandá-los. Apareciam de repente, em número incontável, caminhando a passo mais ou menos certo, em fila, quase silenciosamente, pela rua principal da cidade, sem se saber qual era o seu destino. Eram filas intermináveis de gente local, de cor: crianças, novos e velhos, de ambos os sexos mas, sobretudo, mulheres pobremente vestidas, trajando de preto.

Fora destes cordões perfilados, havia a sede da Unita no interior da cidade. Parecia um local de peregrinação. E, no fundo era isso mesmo: as pessoas deslocavam-se de todos os lados; não só as da cidade, como outras, vindas das partes mais longínquas e variadas, para junto da sede.

A pergunta que se punha era a seguinte: que estava toda aquela multidão ali a fazer, à porta do «capitão», a autoridade máxima da Unita, uma espécie de representante máximo da espécie de governo local? Perguntem o que estão a fazer em Fátima tantos peregrinos. Pois bem:



aquela gente estava ali com o mesmo propósito. Só que, enquanto em Fátima se pede à Virgem Maria esta ou aquela graça, se agradece este ou aquele acontecimento feliz, se cumpre esta ou aquela promessa, ali pedia-se tudo, desde o dificilmente possível ao impossível, ao representante máximo do partido maioritário. Aquela gente convenceu-se que o «capitão» tinha poderes ilimitados, que conseguia dar resposta a todos os problemas de toda a gente. Por isso, todos ali estavam para serem recebidos, para que a autoridade ouvisse as suas mágoas, necessidades e anseios. E o coitado do «capitão», querendo ser agradável, fazia o que podia ou, como costuma dizer-se, “fazia das tripas coração”. E o seu ajudante lá ia escrevendo numa

velha máquina de escrever, batendo uma letra de cada vez, depois de um grande trabalho de busca, passando para uma folha em branco o “despacho” do seu superior. Outras vezes, os coitados lá tinham que se contentar com uma palavra de conforto, uma promessa impossível de cumprir, um desejo de melhoras, um “volte cá noutra altura”.

Conservo comigo, como uma relíquia desses tempos, o original de um desses “despachos”, com a assinatura do «capitão», aliás, uma espécie de arremedo de saber e autoridade, numa matéria que ultrapassava a sua competência e só aos médicos dizia respeito. Foi o caso de uma mulher, em estado avançado de gravidez, que, em

vez de se dirigir directamente ao hospital para poder ser prontamente assistida, se dirigiu ao «capitão» a solicitar uma espécie de “guia de marcha” com o fundamento e a sensação de que... estava já a sentir as dores de parto.

O texto da “guia de marcha” dizia:

«Por se encontrar à rasca por motivo de aborto segue Maria Judite» (sic).

Assina: capitão...

E foi com esta “guia de marcha” na mão, a mesma que eu tenho comigo, que a parturiente se apresentou ao médico de serviço no hospital, o qual, vendo o seu estado, a internou imediatamente e deu início ao trabalho

de parto.

Este caso é paradigmático de como as coisas iam correndo em Silva Porto, capital do Bié, a partir do mês de Fevereiro, isto é, a partir da tomada de posse do governo misto provisório de Angola, ou seja, a partir do momento em que Portugal abdicou de mandar alguma coisa, e se demitiu de apoiar os portugueses aí residentes, limitando-se a fazer as malas para, em Setembro seguinte, largar tudo e se pôr em fuga, como se fosse um criminoso.

Cumpre-me dizer que os primeiros tropas a serem desmobilizados e repatriados foram os médicos dos hospitais, afinal, os que deviam ser os últimos a partir. Receberam ordem de repatriamento, que cumpriram durante o mês de Março de 1975.

Felizmente, nessa altura, ainda não havia alterações da ordem pública, nem tinha começado a fuga dos portugueses. O que veio a acontecer, depois, como todos sabemos...

No fim do mês de Julho, levei o meu carro ao Lobito, para despachar para Portugal. Fui no meu carro e regresssei de taxi. O aluguer do taxi só dava até ao Alto Hama, a uns 100(?) quilómetros de Silva Porto. A minha ideia era, no cruzamento do Alto Hama, encruzilhada que servia Silva Porto-Luanda-Nova Lisboa, apanhar uma boleia para minha casa. Sabia que esse cruzamento estava guardado por

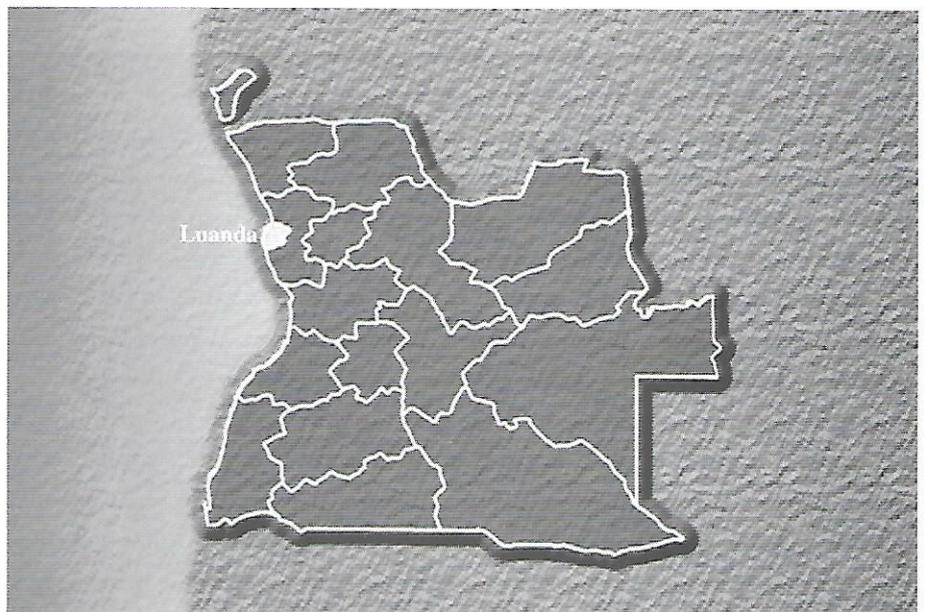
“soldados” (jovens fardados e armados) da Unita, tinha passado este posto de controle na ida, sem ter sido obrigado a parar. Digamos que se vivia uma fase de um certo respeito e urbanidade. Agora, tratava-se de pedir a um dos “soldados” que me arranjasse um carro que tivesse como passagem ou destino Silva Porto. Foi o que fiz: era ao cair da tarde. Abeirei-me de um “soldado” e pedi-lhe que me arranjasse uma boleia para Silva Porto. Ele prontificou-se logo, talvez surpreendido pelo inusitado do pedido e, depois de uma espera de meia hora, segui viagem com um jovem funcionário que, se não erro, residia no Andulo e procedia de Luanda, deslocando-se num *Renault 4*. Disse-me que verificou que se estava vivendo num clima de pré-guerra entre os partidos de Angola, bem visível no patrulhamento e no estabelecimento de barreiras ao longo do trajecto. Foi mandado parar em vários postos de controle, uns fiscalizados pelo MPLA, outros pela Unita, numa aparente marcação do território. E cada um o

acusava de pertencer ao partido rival. Dificilmente conseguiu, através de argumentação, ir convencendo uns e outros do contrário e passar todas as barreiras que encontrou na estrada.

Quando cheguei a minha casa, verifiquei que as paredes e vidros das montras da cidade de Silva Porto estavam todos escritos com frases e *slogans* de ódio contra o MPLA. Pensei que um banho de sangue, depois de tantas palavras de ódio nos últimos tempos, estaria muito próximo.

Saí com a família de Silva Porto, por via aérea, no dia 31 de Julho, ou seja, no dia seguinte. Vim a saber, depois, que no dia 1, isto é, no dia seguinte, foi o ajuste de contas, o pandemónio, a revolta declarada e o princípio do esmagamento do MPLA local, o grande rival.

Hoje, passados 26 anos, a guerra continua sem fim à vista, com as nefastas consequências que são do domínio público.



UMA CARTA DA AMÉRICA...

António F. Fernandes

Califórnia – USA
Modesto, Califórnia 2000.

Realizou-se no Del Valley Park, em Liverenore, a 5 de Agosto, mais um picnic, dos naturais e residentes no ex-Ultramar português.

Este nosso convívio fez precisamente 20 anos. Quatro indivíduos, que nem sequer se conheciam, organizaram o primeiro encontro, graças à antiga Rádio Portuguesa KRVE de Losgatos – Califórnia, através de um programa de linha aberta, transmitindo, diariamente, das 4 às 5 da tarde.

Então, este que vos escreve, como participava regularmente no mesmo, lembrou-se de pôr no ar um encontro de todos aqueles que viviam neste Estado e como eu tinham vivido ou nascido na ex-províncias ultramarinas portuguesas. Se

bem pensou, melhorse concretizou... Logo que foi posto no ar, não faltaram pessoas a colaborar, levando-se o assunto para a frente. Isto no princípio de Julho de 1980.

Em Agosto, depois do grupo de quatro ter feito uma reunião, cada um com a sua missão, levámos a cabo o nosso primeiro encontro em Sam José, Califórnia, num lindo parque no centro da Cidade.

Eu tinha como missão falar com um padre para rezar missa campal no local e preparar as mesas para o acto. Sabia que amigo padre Valentim de Freitas estava na Califórnia. Tentei saber onde. Acabei por contactá-lo muito longe. Era pároco da Igreja de Nossa Senhora da Assunção dos Portugueses em Turlok, no Vale de S. Joaquim.



Logo que falei com ele pelo telefone (ainda estou a sentir a sua alegria) e lhe disse quem era e porque lhe estava a telefonar, ele respondeu: contem sempre comigo. Sempre contámos com ele enquanto este saudoso amigo viveu na Califórnia. Infelizmente já não o temos junto de nós, porque Deus chamou-o bem novo à sua última morada, assim como chamou uma grande parte daqueles que estiveram no nosso primeiro picnic. Que Deus os tenha em Paz.

Nós continuamos a estar juntos todos os anos, no primeiro Domingo de Agosto. Com aqueles que cá se encontram, espero que continuaremos a nos juntar, pelo menos para passarmos um dia bem passado, falando dos locais onde alguns de nós tivemos belos momentos da nossa mocidade...

Um grande abraço para todos os gabelenses.



A JANGADA



Luís de Sousa

Quatro horas da madrugada.

Tardava o amanhecer na lonjura
daquelas paragens sertanejas.

Assim que o horizonte começou a
clarear, o grasnar de patos e o grito de
javas – como se de gansos em voo se
tratasse – irromperam, dissonantes, em
tudo quanto era espaço.

Milhares e milhares de aves, em
bandos alinhados como que em
esquadrilha, uns após outros, lá em
cima, em sucessão sem fim, cruzavam
os céus.

Cá em baixo, o rio.

Era o rio naquela mole imensa de
água, arrastada de mansinho e em
silêncio!

Ali estava o Cuanza na ostentação da
sua pujança.

A Muxima.

A Jangada.

– Há quanto tempo foi isso? ...

– Sei lá! Perdi-lhe a conta.

A Jangada ia e vinha entre as duas
margens. Enquanto se esperava pelo
retorno da mesma, eu, então, rapazola,
sentado sobre uma pedra de granito
rodeada de capim, postei-me junto ao
esplendoroso rio.

Miríades de mosquitos enxameavam os
ares. Atormentavam-me a paciência
com o seu zumbido característico.
Aferroavam-me. Sugavam-me o
sangue.

Atormentado, maravilhado, aturdido e
enlevado na abstracção – tudo, assim,
a seu jeito e a um só tempo – senti-me
dominado pela consciência da minha
ínfima pequenez.

Perante tamanha grandeza, quão
evidente era a insignificância humana.

Lembrei-me do Poeta:

“No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;



de fazer a passagem da jangada de uma margem à outra do Cuanza, ali, na Muxima e que, ao som das buzinas das viaturas automóveis que chegassem, de pronto e solícitos acudiam.

Naquela noite, se bem que não perceptível à superfície, a corrente do rio ia forte.

O caudal do Cuanza inusitadamente havia aumentado com as chuvadas torrenciais caídas a montante.

Desse facto, apenas se deu conta quando, já a meio das águas, o Mesquita, aos berros e aos saltos sobre a jangada, perguntava para onde aqueles filhos da puta lhe queriam levar o camião.

O peso do veículo automóvel, acrescido ao da mercadoria que transportava, era excessivo.

Por tal razão, antes do sulcar das águas, houve que descarregar a viatura, deixando-se nela apenas uns quantos sacos de farinha e outros tantos de mantimentos vários.

De seguida, levou-se na jangada rio além, primeiro a camioneta e, depois, num outro ir e vir, a restante carga.

O processo de travessia iniciava-se com o desfazer de amarras e no arrastar da jangada a pulso e a vau, mais ou menos para cima – a montante do rio – tendo em conta o ímpeto da corrente que se fizesse sentir e o que a experiência ditasse no momento por conveniente.

Na terra, tanta guerra, tanto engano,

Tanta necessidade aborrecida!

Onde pode acolher-se um fraco humano,

Onde terá segura a curta vida,

Que não se arme e se indigne o Céu sereno,

Contra um bicho da terra tão pequeno?"

Era o coaxar das rãs; o gri-gri dos grilos; os sussurros soturnos e insondáveis das noites africanas.

Quando o Sol, tenuemente, foi irrompendo do crepúsculo matinal, uma espécie de névoa pairava sobre as águas cor de chumbo, que se estendiam, placidamente, até à margem oposta que não se deixava ver.

A jangada acabara de chegar. Trazia o último carregamento de mercadorias que constituía a carga que o Mesquita

transportava no seu camião.

– O Mesquita ... O Mesquita do Ébo, o Mesquita camionista!

Aquele que veio a ter casa, logo ali, à entrada da povoação do Ébo para quem da Gabela vem pelo Condé e que, em tempos recuados, tinha sido, no Tunga, empregado do Carlos Figueiredo.

– O Figueiredo do talho. O talho junto ao Mazungue.

Vindos de Luanda, ao chegarmos à margem direita do Cuanza, próximos do sítio destinado à aportagem da jangada, a negrura da noite era total a modos quase que medonha.

Após umas quantas buzinas, vultos esguios – corpos de homens com troncos nus – como que se erguidos da escuridão, iam-se divisando em crescendo no limiar do foco dos faróis à medida que se acercavam do camião.

Eram uns tantos negros encarregados

Depois, abandonada ao sabor da corrente, a jangada lá ia, ajeitada, no seu seguimento, com remos, por forma a que fosse encalhar no ponto onde era hábito aportar e a partir do qual a estrada interrompida pelo curso do rio prosseguia normalmente.

Desta feita, porém, os cálculos falharam, saíram furados, certamente por artes do demo e, por isso, lá estava o Mesquita aos berros.

– Filhos da puta! Para onde vamos nós parar?! ...

E parámos.

Parámos, é certo, um bom pedaço lá mais abaixo – mais a jusante – e depois de um grande susto experimentado por todos quantos íamos na jangada.

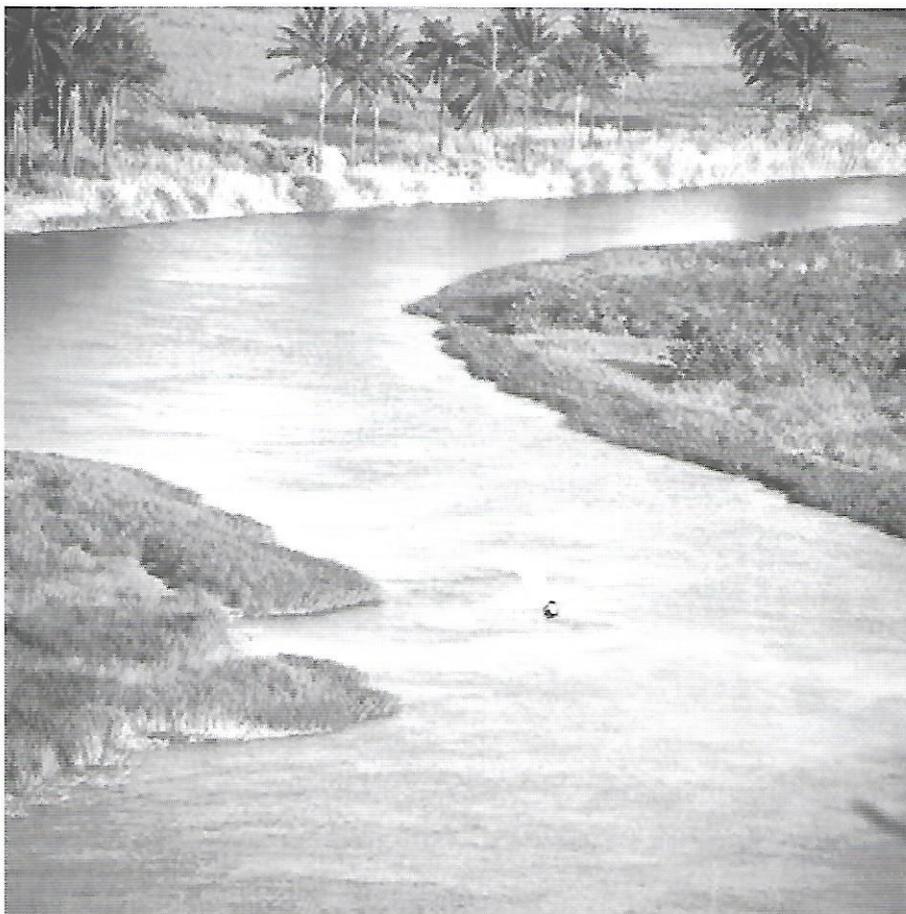
Puxada, a vau, ao longo da margem e para o ponto onde deveria ter atracado e não atracou, o camião saiu, finalmente, de cima daquela tosca embarcação.

Enquanto a jangada regressava a ir buscar a mercadoria que havia sido deixada na outra margem do rio, eu e o Mesquita procuramos defender-nos do ataque dos mosquitos.

Fugimos para o interior da cabina do camião, onde, com os vidros fechados, nos supúnhamos, finalmente, a salvo.

Ali postos, tentei dormir.

Não tardou muito e apercebi-me de que o Mesquita, com alguma cautela, aparentemente para não me acordar,



abriu a porta do seu lado e saiu para o exterior da cabina do camião.

Os mosquitos eram tantos a zumbir junto dos meus ouvidos que, presto, me resolvi a sair do interior do carro.

Olhei em derredor e não vi alma do Mesquita.

Também cá fora, os Mosquitos não me davam tréguas.

– Que fazer?!... E o que era feito do Mesquita?!

Os sacos que haviam ficado na carroçaria do camião, encontravam-se cobertos por um oleado, uma lona na terminologia dos camionistas.

Pareceu-me que, por debaixo da lona,

seria o sítio ideal para me proteger das picadas dos intoleráveis insectos. Se rapidamente pensei, a actuação em tal sentido ainda mais rápida foi.

A noite era escura como breu.

Não longe dali, andariam, por certo, lobos, hienas, mabecos. Imagine-se em que outras feras terei eu, então rapazola, pensado.

Sob a cobertura da lona, dei, enfim, com o Mesquita por lá a dormir.

Os mosquitos nem por debaixo da lona me pouparam. Entravam por tudo quanto era sítio. Respirar com toda aquela cobertura em cima, não era de todo agradável.

Estávamos na Muxima.



Todo o vale do Cuanza é quente.

Excessivamente quente. De tal sorte que, mesmo no relento da noite, a temperatura se torna, por vezes, quase insuportável.

Por tudo isso, não houve outra que não a alternativa de sentar-me sobre a pedra rodeada de capim, ali, junto ao rio, indiferente à vampiragem daqueles milhões de insectos. Arrostar o medo do rondar das feras que se adivinhava. Ver o Sol a nascer.

Os patos a voar, ouvi-los em dissonâncias com o grito de jivas a grasnar, lá no alto, enquanto, cá em baixo, no vale quente e húmido, indiferente a tudo, o Cuanza no seu arrastar langoroso, deslizava, sonolento.

Ainda agora começara a amanhecer.

As rãs coaxavam. Os grilos em estrídulos. Os sussurros insondáveis e

soturnos das noites africanas ecoavam estremecendo os corpos num misto de calafrio e êxtase como que sublimando requebros sensuais de volúpla incontida.

Horas depois, já tudo aprontado e o Sol nas alturas, o camião roncava por ali fora, levantando pó.

Pó e mais pó cinzento, na estrada argilosa e de terra batida, da Muxima, por Capôlo, a caminho da Gabela.

Com o pensamento posto mais além. Desanuviado do susto da jangada e do pesadelo dos mosquitos. Mergulhado no sortilégio das coisas africanas e em debate com sentimentos contraditórios emergentes do que ficara para trás...

Eis-nos, finalmente, serra acima... a caminho da Gabela – postada altaneira – encimada nas escarpas em jeito de ninho de água, ali... nos morros do Amboim cobertos de cafezais

infundáveis e de denso e luxuriante arvoredos.

Exactamente ali, tudo envolto em cacimbo espesso – qual insólita cortina enfumaçada e húmida – subindo e caindo em chuvinha miudinha persistente, irritante, enfadonha. Não de outro modo... assim mesmo... em verdade! Porém, com aquele sabor e cheiros únicos da Gabela e só dela...

Gabela, enfim, distante no espaço, de muitas e profundas recordações, quase que perdida nas lonjuras do horizonte e, no tempo, já de duração alargada, lá vai, contornos diluídos, esfumados, dissipados.

Espaço e tempo confluídos e implacáveis, onde a saudade dolorida cai e se plasma e donde a alma, de quem sofre, soergue-a devagarinho, embala-a de mansinho, entenece-a.

ENCONTRO 2001 – MOGOFORES PROGRAMA

MENSAGEM AOS GABELENSSES

A importância do nosso Encontro é de tal ordem e tem acontecido com tal grandeza e dignidade que, cada vez, se torna mais difícil dirigir-vos uma mensagem...

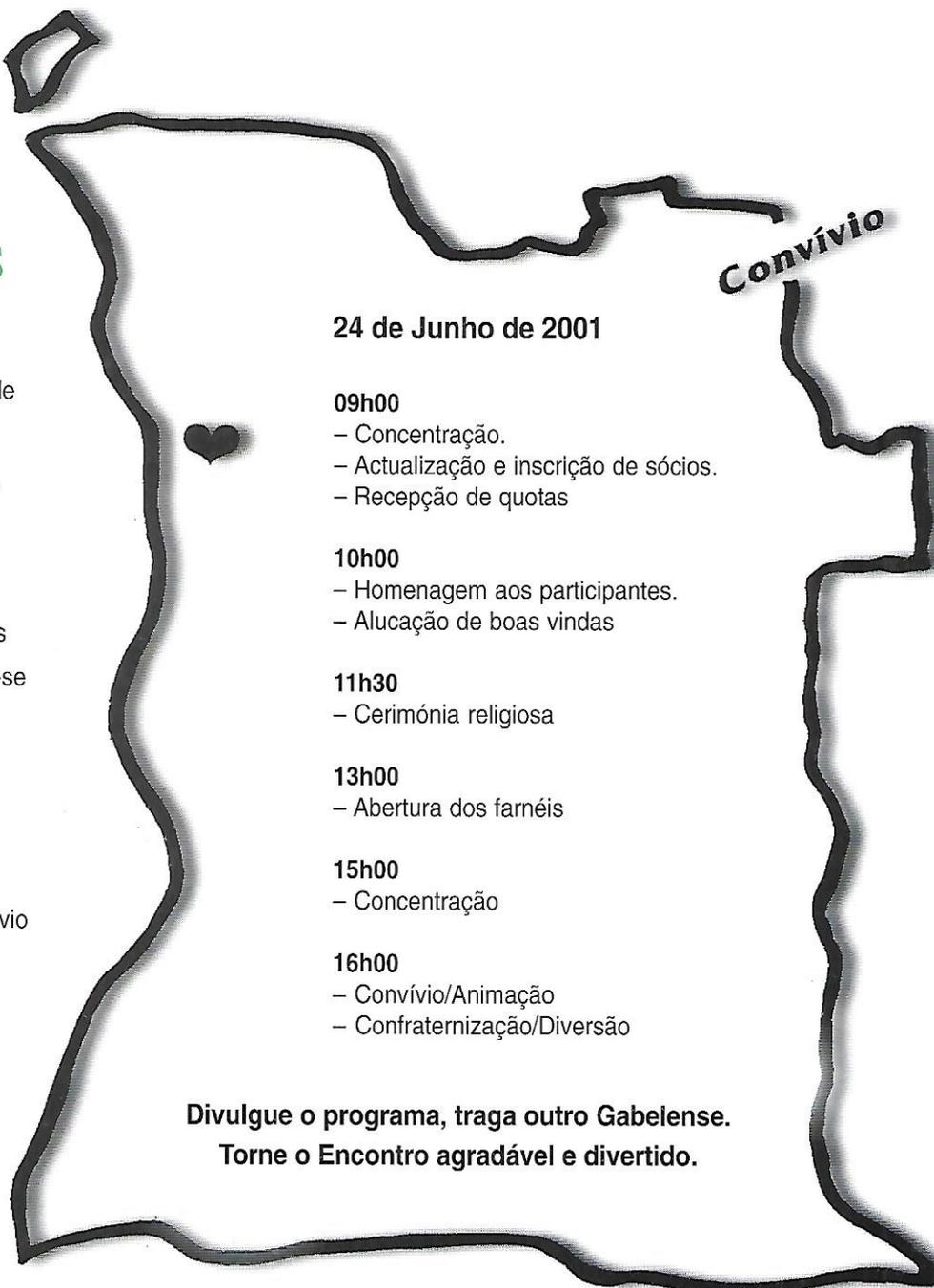
Atravessamos a barreira dos 20 anos de permanência e os Encontros têm-se sucedido, sem que tenhamos dado conta do tempo que já passou...

O apoio que temos recebido é o incentivo para continuarmos a proporcionar este momento de convívio e prazer para todos.

Continuem a apoiar-nos, dando a vossa colaboração. Compareçam e tragam um amigo, um Gabelense.

Recordar é Viver...

A Direcção agradecida



24 de Junho de 2001

09h00

- Concentração.
- Actualização e inscrição de sócios.
- Recepção de quotas

10h00

- Homenagem aos participantes.
- Alucação de boas vindas

11h30

- Cerimónia religiosa

13h00

- Abertura dos farnéis

15h00

- Concentração

16h00

- Convívio/Animação
- Confraternização/Diversão

**Divulgue o programa, traga outro Gabelense.
Torne o Encontro agradável e divertido.**

NÃO FALTE! PARTICIPE!
Divirta-se. Haverá surpresas e muita música.

A ARTE DE FAZER BONS VINHOS

É na Bairrada que, há mais de setenta anos, as Caves Aliança se dedicam a fazer muitos dos grandes vinhos portugueses. Uma arte que agora pode ser admirada numa inesquecível visita.

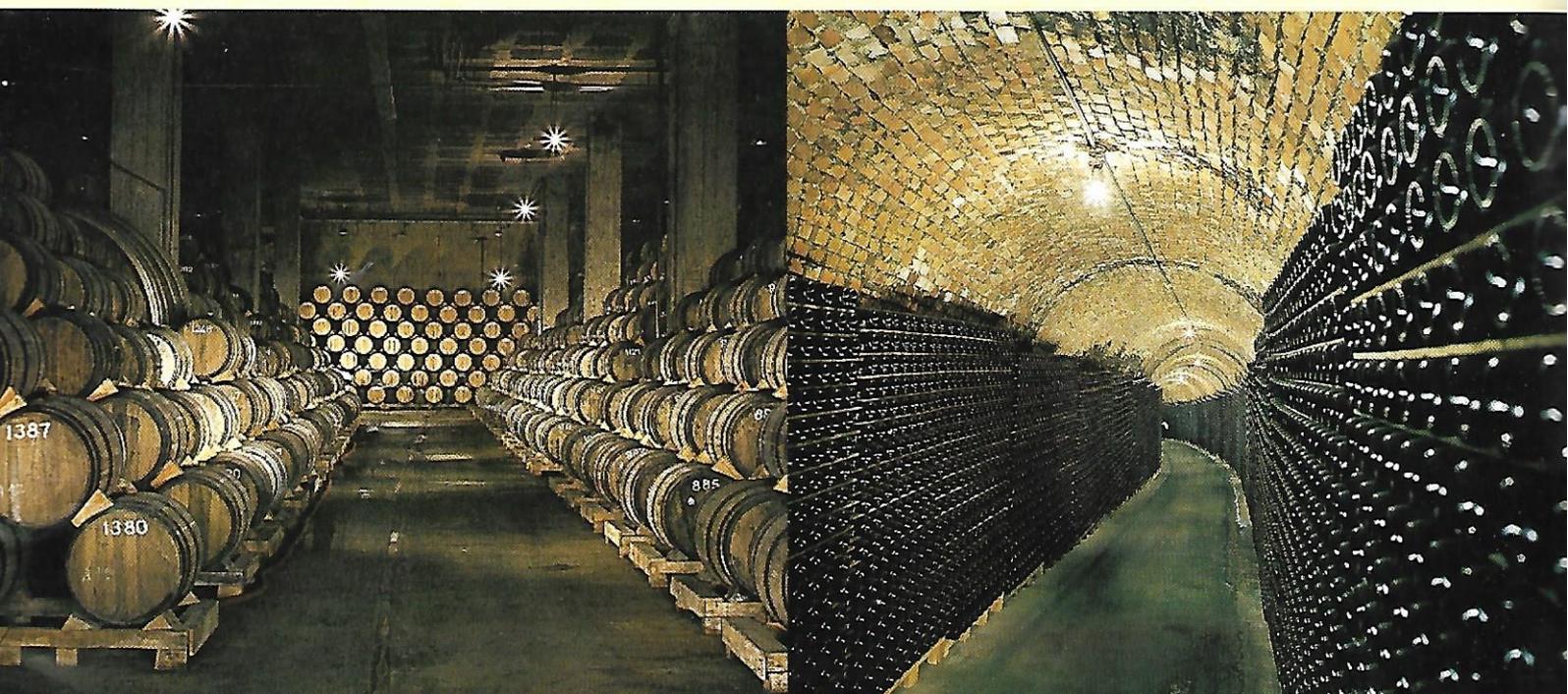
A visita às Caves

Inseridas na Rota dos Vinhos, as Caves Aliança abrem-lhe agora as portas para proporcionar um passeio inesquecível, através de uma visita guiada pelas galerias frescas e escuras onde nascem os vinhos, aguardentes e espumantes que fazem as delícias de tantos apreciadores em todo o mundo.

Aqui, no interior das Caves Aliança, poderá conhecer todas as diferenças inerentes ao processo de fabrico dos vinhos, aguardentes ou espumantes e ficar a conhecer como depois da fermentação do mosto, os diferentes tipos de vinho são seleccionados conforme o fim a que se destinam: enquanto uns são envelhecidos em barricas para mais tarde serem engarrafados e comercializados, outros seguem para a destilaria onde se obtêm as reputadíssimas aguardentes desta casa – Antiqua, Antiquíssima e Galeria XO. Por sua vez, o vinho destinado a espumante é engarrafado e armazenado para iniciar a segunda fermentação.

No entanto, na visita às caves, há muito mais para ver. E dos momentos mais fascinante é passear pelas galerias onde envelhecem os melhores vinhos, espumantes e aguardentes durante vários anos, fechados em barris de carvalho e em garrafas. Aqui, encerrados na penumbra dos longos túneis abaulados, eles repousam até atingir as características ideais para ser comercializados.

É aqui também que nasce o espumante Bairrada, produzido segundo o método champanhês tradicional, que consiste numa segunda fermentação da garrafa. Isto é, o vinho é engarrafado juntamente com os fermentos e armazenado em longas galerias, onde permanece fechado para fermentar lentamente, até ganhar o gás natural próprio do espumante, para depois ser submetido a um laborioso processo de decantações, dosagem, mudança de rolha até à rotulagem das garrafas.



Fundadas em 1927, as Caves Aliança foram constituídas para produzir e comercializar vinhos de mesa, aguardentes e espumantes.

Desde essa altura que esta empresa da povoação de Sangalhos não parou de crescer, aumentando tanto a produção, como a exportação.

Hoje, 50% dos vinhos das Caves Aliança destinam-se a mais de 60 países estrangeiros, o que demonstra bem como os seus vinhos são bem conceituados a nível internacional.

O segredo de um grande negócio

Partindo do princípio que só as as boas uvas produzem os melhores vinhos, é ainda possível conhecer todos os processos de controle, e visitar inclusivamente os laboratórios onde são feitas as análises microbiológicas, de acordo com as normas internacionais ISO 9002.

Todas as fases, desde a recepção das uvas, até ao engarrafamento são minuciosamente controladas para garantir a melhor qualidade dos vinhos. Só assim foi possível que as Caves Aliança crescessem tanto, produzindo sempre vinhos, aguardentes e espumantes da altíssima qualidade.

Para além de Sangalhos

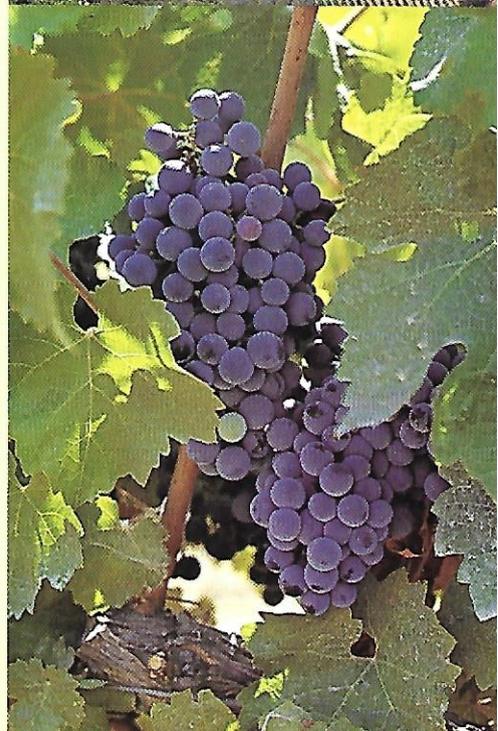
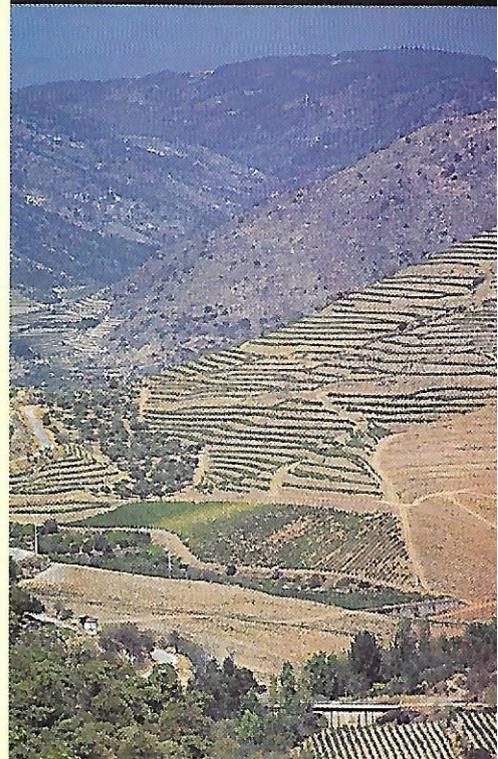
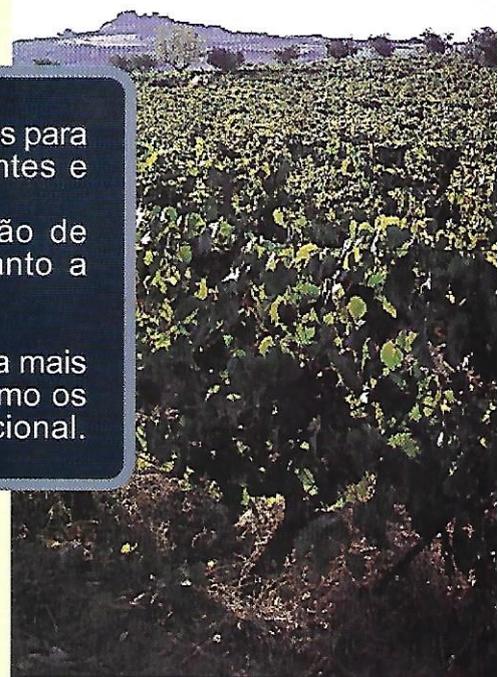
Outro ponto interessante nesta visita pelas Caves Aliança é ficar a conhecer a real dimensão desta casa. Apesar de estar sediada na Bairrada, hoje as Caves Aliança abrangem um grande número de vinhas de outras regiões do país, que cobrem as principais regiões demarcadas de Portugal: Douro Superior – Foz Côa, Dão, Beiras – Figueira de Castelo Rodrigo, Alentejo – Borba e Redondo, para além da Bairrada.

Segue-se a visita à sala onde pode conhecer os diferentes vinhos comercializados pela empresa e onde estão os prémios nacionais e internacionais conquistados por esta casa ao longo dos anos.

E finalmente, para que tudo isto faça sentido, é dado aos visitantes a oportunidade de provar alguns dos néctares produzidos pelas Caves Aliança.

Uma visita realmente inesquecível. Uma arte única que dá origem a alguns dos melhores vinhos de sempre.

Visitas ou Informações
Caves Aliança
Rua da Misericórdia – Sangalhos
Tel. 234 732 000
www.caves.alianca.pt



CONTINUAMOS A SONHAR...

VAMOS CONSTRUIR UMA OB

Não se trata de uma teimosia. Desejamos somente chamar a atenção dos gabelenses para algo que podemos fazer com a ajuda e boa vontade de todos, justificando a razão da existência da nossa Associação, perpetuando-a no futuro, com uma obra ímpar de solidariedade, que servindo para todos, beneficiaria sobretudo os mais carentes, desamparados e confortando os idosos que, à medida que o tempo passa, cada vez mais se inquietam com a ideia de solidão pairando nas suas vidas, por viverem numa sociedade cada vez mais ostensiva e sem soluções para os velhos...

É tempo de tomar uma resolução, encararmos a realidade com coragem e decidirmos o que é melhor para todos. Vivemos num País em que as estruturas estatais nada prevêm para o apoio aos velhos, que não seja uma assistência social precária e exígua, que abrange o mínimo de pessoas carentes, sem condições,

relegando-os ao esquecimento e à míngua, com apoios mínimos ou apoiados pelas famílias, incapazes de os acompanhar e confortar, por falta de soluções, em que a maior parte das vezes o tempo é escasso para os seus afazeres, numa sociedade em que a concorrência é cada vez maior e as ocupa totalmente, impossibilitando-os de dar a assistência devida onde, os mais velhos são, por vezes, relegados para segundo plano ou a uma atenção menor, porque outras situações exigem mais cuidado, absorvendo a maior parte das suas preocupações, para que se atinja o equilíbrio familiar e nada lhes falte. Nem sempre, só, é fácil a gestão desse equilíbrio, que carece do recurso a obras sociais privadas, que nos cabe criar e incentivar, pondo-as ao alcance de todos, acessíveis e funcionais.

É um dever de todos para com a sociedade em que nos inserimos, como é o caso da nossa Associação, cuja finalidade também

é a de criar os meios que favoreçam os que por dificuldades necessitam do nosso apoio, não só financeiro, mas muito em especial de solidariedade humana de que muitos são carentes, por falta de conforto e carinho do próximo. É desta sociedade justa e participante que nós necessitamos, sem recusas, para construir uma obra humanitária, que a todos beneficie e que estamos certos orgulhará os gabelenses, como exemplo para outras associações que até agora nada fizeram em prol dos seus associados.

É insuficiente ao cabo de cerca de 25 anos apenas nos termos preocupado com o nosso encontro anual, que cada vez é menos frequentado pelo envelhecimento dos que nele participavam, hoje com dificuldades de se deslocarem pelos seus próprios meios.

Por isso é que, como responsáveis pela continuidade da nossa Associação, teimamos em insistir

OBRA PARA TODOS

pela criação de uma obra social, que abranja todos os gabelenses, que os congregue e em que todos participem e dela venham a beneficiar pessoalmente.

Como temos tentado explicar é uma obra para todos, que pretende unir os gabelenses, criando um espaço de convívio, onde idosos, suas famílias (pais e filhos) possam conviver, num centro cívico, com uma residência para idosos e outra para visitantes e com exteriores com zonas de lazer para os utentes.

Há boas perspectivas para a cedência gratuita de uma parcela de terreno com aproximadamente 30.000 m², na zona de Águeda, que oportunamente iremos visitar e que, a concretizar-se a oferta, muito nos beneficiará, quanto a encargos que evitaremos com a aquisição do terreno que, na outra opção, teríamos de desembolsar cerca de 21.000 contos, razão porque desistimos.

Sem forçar, voltamos a insistir no assunto, cientes da utilidade que representaria a obra a que nos referimos, se a levássemos a efeito, não só pelo serviço social que abrange, mas pelo significado e interesse que em muito dignificaria a nossa Associação pelos serviços que prestaria aos nossos associados, a quem nos compete apoiar.

A falta de receptividade e desinteresse aos nossos apelos tem-nos impedido de adiantar as nossas intenções e de continuar a avançar para que a obra a que nos propomos venha a ser uma realidade.

Apoie-nos, contacte-nos e dê a sua opinião, que muito apreciaremos.

Pela Direcção da Associação

Silva Carvalho, presidente

SONHO!!!

Fechar os olhos
E lentamente mergulhar
Na escuridão de olhos
cerrados
De boca húmida
De lábios carne.

Deslizar as mãos
E sentir o corpo.
Céus!!
A pele macia
As veias de sangue
O suor de esforço

Abrir o corpo
E deixar penetrar
A sensação, o palpitar
O desmaio, o desfalecimento
De ritmos cadenciados
Desfechados, com raiva,
Com amor.

Feitiço, encantamento
Perdida, eu?

Rui José 2000

AO CORRER DA PENA...

Rui José

20 de Fevereiro de 2000

A espera tem encantos de prisões de flores e plumas, toques macios e frutos maduros ainda por colher. Abrem-se asas, amplas como velas de caravelas e, colhe-se uma brisa morna, bailando, atrevida, no cabelo... Sentes os efeitos das viagens que se fazem noite fora sob a superfície platinada do mar e o tocar tênue de penedos e encostas douradas, mais parecendo impérios de Sol em ruínas... Sentes o rosto macio de algas e estrelas marinhas, lá onde o limiar do sonho e realidade é quase inexistente e tudo flutua ao sabor das marés, tal qual atlântidas perdidas no tempo, a tempo de tudo, de nada, deambulando, movem-se com gestos de gato; num ronronar sincopado e terno, cheio de segredos e mistérios que brilham, cúmplices no olhar, nos toques de dedos lisos, como se um vento generoso tivesse passado e acariciado à sua passagem o macio da pele...

Em cada boca há um beijo pronto a saborear, um olhar fundo como se bebesse os sonhos dos outros em grandes goladas e os libertasse desse vegetal impotente a que nos obrigamos... Depois? Depois voltamos de novo ao corpo, leves, como se tivéssemos saído de um coma profundo, mas agora, cheio de energia acumulada, fazendo-nos correr a mil à hora, até reaver tudo o que os dias levaram em silêncio.

15 de Outubro de 2000

É Domingo... Hoje o mar parou sua eterna rabujice e veio docilmente enrolar-se na areia. E o sol, que travou uma luta de "esconde-esconde" com as nuvens, despediu-se silencioso, a diluir-se em tons laranja e vermelhos no opaco do céu. E um manto de grânulos de escuro caiu lento deixando a adivinhar uma noite morna, em tons brilhantes de lua cheia.

E do azul de uma tarde de sol, renasce um cinza iluminado pelas luzes dos candeeiros que, pouco a pouco, acordaram da sua sonolência diária e invadiram as ruas num cintilar harmonioso.

E nesta maré calma, quase sombria, da noite avizinha-se um barco que segue rumo ao horizonte, movendo-se lento, num silêncio de paz. Avista-se a primeira estrela que, tímida, finalmente se descobre entre as nuvens e, num segundo de silêncio ou distração, a pequena estrela ganha vida e brilha orgulhosa no céu e neste cenário de paz absoluta, de grandeza imensa de um mundo vivo, um desejo maior renasce. Antes de chegar a noite, espero que regresse nesse barco que atravessa o mar, sejas tu quem fores.

O mar começa a acordar ao cair da noite e ganha voz, debate-se na areia no desejo de acordar também. E sob o olhar indiscreto dos candeeiros, que se espelham no mar, nesta cumplicidade misteriosa do escuro envolvente, deposita um beijo branco na areia, e

abraça num embalo suave a falésia, que se estende mar adentro, nos braços ondulantes da maré que a apaga em ternura.

Agora o horizonte nada mais é do que penumbra, confundindo-se com o mar, onde o barco, iluminado, acena para a costa uma luz mais pequena, quase despercebida, denunciando-se já ao longe e, outras se vão juntando nesta rota perdida.

A noite instalou-se com seu vestido negro vaporoso e compactou com este estranho cenário de amor e desejo entre o mar e a praia. Ainda se ouve o mar, nos segredos que partilha com a areia, segredos esquecidos e apagados como as histórias de ninfas e sereias que encantavam marinheiros com o seu canto.

Uma lufada de ar fresco aparece do nada e espalha por todo o lado um cheiro doce e salgado, a maresia, um aroma voluptuoso que me embriaga os sentidos e me deixa aflutuar em sonhos mil.

O tempo pára a contemplar também este cenário e esquece-se de avançar, sob pena de chegar atrasado a mais um anoitecer.

Nota: Rui José Loural Ferreira, um jovem de 24 anos, é um novo colaborador da nossa revista, que apesar de não ser Gabelesense comunga dos nossos ideais. É da Marinha Grande, estudante de Osteopatia e será no futuro um assistente nas nossas iniciativas.

A Direcção

CIÊNCIA

Luís de Sousa

Ciência é todo o saber que passa pela investigação metodológica de objectos, factos ou actos com predomínio da razão e aguçado sentido crítico, rejeitando o predomínio da intuição, da crença e por maioria de razão das credences, da fé e tanto quanto possível minimizando o ofuscamento das coisas a que as emoções naturalmente conduzem.

Como sói dizer-se, toda a ciência pressupõe um objecto e um método.

A investigação metodológica supõe um certo e determinado percurso dirigido no sentido da procura do conhecimento dos objectos, factos ou actos dados, começando pela observação atenta, cuidada e minuciosa dos mesmos.

A operação que se segue no dito percurso é o da análise.

Analisar implica divisão dos objectos, factos ou actos a conhecer, separando-os de acordo com as suas diferentes características.

Segue-se a selecção desses mesmos objectos, factos ou actos e sua classificação.

Seleccionar objectos, factos ou actos é escolher os que interessam pelas suas

características e apartá-los dos que não interessam para o conhecimento que se tem em vista.

Classificar é separar por classes os objectos, factos ou actos seleccionados.

A classificação dos objectos, dos factos ou dos actos implica o conhecimento das diferentes características dos mesmos nas fases anteriores ao da sua classificação, como obviamente se entenderá.

Neste caminhar passo a passo, neste processo discursivo, há-de, necessariamente, intervir o predomínio da razão sobre a intuição, a convicção, a opinião, a crença, a fé, razão essa que funcionará como o meio que ordena, hierarquiza e articula na forma de sistema as diferentes fases do processo do conhecimento que, para ser completo, terminará na síntese dos objectos ou factos observados, analisados, seleccionados e classificados, obtendo-se destarte e finalmente, de novo, o todo e, com ele, agora sim, o conhecimento da unidade dos objectos, dos factos ou dos actos previamente dados ao investigador.

Atente-se, por último, na razão:

A razão é a faculdade que permite ao

homem ordenar e sistematizar as ideias ou conceitos que, em todo o caso, constituem o seu conteúdo.

O conteúdo da razão, na sua composição mais simples, é, pois, constituído por ideias ou conceitos. Dessas ideias ou conceitos, umas são fundamentais e outras não.

As ideias ou conceitos fundamentais e que constituem o sustentáculo da razão são aquelas sem as quais esta não passaria de um conjunto vazio, ou de um conjunto preenchido por ideias ou conceitos aleatórios devaneando, desgarradamente, sem qualquer rumo nem sentido.

As ideias ou conceitos fundamentais contidos na razão revelam-se como verdades apodéticas, como evidências, isto é, como verdades que se impõem por si sós, que não carecem de demonstração. São verdades que, despidas de qualquer complexidade, pela sua singeleza, por serem suficientemente simples, claras e distintas, são directa e prontamente apreendidas pela nossa intuição e, em consequência, susceptíveis de, a elas, o espírito aderir sem mais.

Descartes, no século XVII, isto é, em pleno barroco – quando ao classicismo se seguiu, na civilização ocidental, o

ofuscamento de princípios tidos desde Aristóteles como imutáveis, quando se seguiu a miscelânea, o amalgamar de valores em profusão; quando se seguiu a torrente turva de ideias ou conceitos e de pensamentos próprias das épocas em mudança – fez questão em procurar arrumar e ordenar as ideias ou conceitos novos em sistema, abrindo assim os caboucos onde assentariam os alicerces da filosofia moderna.

Para tanto, dispôs-se a analisar o pensamento, a nossa vida interior, por um processo em tudo semelhante ao método científico enunciado por Francis Bacon, seu contemporâneo e aplicado ao estudo da Natureza.

O complexo, sempre de difícil compreensão, deveria ser decomposto, paulatina e sucessivamente, até se alcançar o seu elemento mais simples, isto é, até se alcançar o elemento do todo em análise tido por indecomponível. Este, sim, pela sua simplicidade, é susceptível de ser apreendido, de pronto, pela intuição, pelo entendimento imediato de qualquer um ser humano. Ao elemento assim posto, o espírito adere imediatamente e sem esforço.

Compreendido o mais simples da realidade em análise pela aderência imediata do espírito ao mesmo, chegar-se-á, então, por dedução ou deduções, mais facilmente ao entendimento do todo, ao conhecimento do complexo.

Este método, aplicado à análise do pensamento enquanto realidade complexa, levou Descartes à ideia de dúvida como sendo o estado de espírito mais simples do homem.

O homem posto perante qualquer realidade desconhecida questionada de imediato, assumindo, de pronto, uma atitude de dúvida no sentido de saber se aquilo que lhe parece ser é ou não é.

Aqui começa a dúvida acerca do ser e, com ela, a ideia ou conceito de que se está a duvidar, a ideia ou conceito de que o homem, afinal, duvida. Em suma, surge, assim, a ideia ou conceito de dúvida.

Mas duvidar, afinal, é pensar. Se o homem duvida, então pensa. E se o homem pensa, então existe, pelo menos, enquanto ser pensante. Deste jeito chega-se, pois, com Descartes, ao seu "cogito ergo sum" – penso, logo existo.

A partir da descoberta da ideia ou conceito de dúvida como sendo o elemento mais simples do pensamento humano, Descartes pôs-se a cogitar se não encontraria outro elemento do pensamento de extensão mínima quanto aquela e de tão simples compreensão.

Assim postado – qual pensador de Rodin – chegou à conclusão de que no pensamento humano existe uma outra ideia ou conceito simples, isto é, a ideia

ou conceito de perfeição. Mas, enquanto a ideia ou conceito de dúvida havia emanado da sua própria natureza enquanto ser humano, a ideia ou conceito de perfeição não poderia ter a mesma origem, posto que o homem é um ser imperfeito e, como ser imperfeito que é, nunca poderá reflectir a ideia ou conceito de perfeição.

Sendo, pois, assim, a ideia ou conceito de perfeição teria de ter origem fora do homem, teria de ter origem num ser perfeito. Que ser perfeito poderia ser esse que não Deus?!

Desta sorte, Descartes faz decorrer daquilo que entende ser a ideia ou conceito simples de perfeição uma outra ideia ou conceito: a ideia ou conceito de Deus.

A partir, agora, da ideia ou conceito de Deus, que é um ser perfeito – e que, sendo perfeito, não engana, porque, se enganasse, então seria imperfeito – conclui que a realidade externa que circunda o homem tem existência efectiva, posto que o homem tem dela ideias ou conceitos e que, se essas ideias ou conceitos não provêm do próprio homem porque correspondem a coisas que lhe são externas, então a sua proveniência só pode ter origem em Deus – que, excluindo, na sua perfeição, a possibilidade de enganar – deu ao homem a faculdade de ter ideias ou conceitos das coisas que realmente existem.

SÓ PARA RECORDAR...

António P. Fernandes

Queria começar mas não sabia bem por onde, pois conheço tantos assuntos sobre a Gabela que optei começar por este...

Os grandes obreiros dessa grande cidade e homens carismáticos da mesma não têm sido mencionados no nosso boletim “Os Gabelenses”, para que esta chegasse a 1975 grande e bela. Tudo se deve aqueles primários lutadores que tanto trabalharam e sofreram, fazendo dela a sua terra natal. Como se ela de facto os tivesse visto nascer... Aliás, todos que por lá passámos, chegámos a querer-lhe como se de facto lá tivéssemos nascido. Foi naquela maravilhosa terra que eu e muitos crescemos, casámos, formamos as nossas famílias, essa grande família agora espalhada por todo o mundo. Podem ter a certeza que jamais encontraremos uma cidade que nos apaixone tanto como aquela e que nos traga tanta saudade e, ao mesmo tempo, tanta revolta. Esquecê-la jamais conseguiremos. Resta-nos a consolação de termos vivido um dia em tão lindo paraíso.

Passando novamente ao assunto que me trouxe até vós vou contar algo que jamais poderei esquecer:

Vou começar pela entrada do Quinjumbulo, lembrando um homem cujos frutos não foram os melhores, com excepção do genro. Estou a falar do senhor Calça, homem que dedicou toda a sua vida ao engrandecimento da cidade, construindo as suas casas. Homem que nunca parava. Depois temos o Evaristo de Figueiredo. Quem não conhecia este grande obreiro e homem de respeito, mas muito humilde na sua maneira de ser. Temos o David de Sousa, um homem doente mas que sempre fez parte daqueles que queriam o progresso da cidade. Temos ainda o velho Alexandre; fazia parte daquele corredor de casas até ao armazém do Duarte & Martins. Tudo isto do lado direito. Virando-nos para o lado esquerdo temos os Carvalhinhos. Todo esse corredor de casas foram feitos por esses dois irmãos, ainda quando solteiros. Além dessas casas, construíram todas aquelas que estavam no Bairro do Sousa e ainda a cerâmica, que era uma das boas de Angola. Mais tarde casaram e tudo se modificou, porque os problemas levaram-nos à sua separação. Um seguiu com um sobrinho e o outro com o outro sobrinho. Ficou assim a firma Carvalho & Sobrinho e a ffl-ma Carvalho &

Irmão. Segue-se o Bernardes & Filhos. Mais tarde, os filhos continuaram com a obra que o pai tinha iniciado. O Costa Marques, um homem bom, daqueles que estava sempre a ajudar. Virando-nos para a direita tínhamos o Nazaré, homem que construiu todo um bloco e que mandou vir parte dos familiares e conterrâneos para trabalhar no seu comércio, que foi grande noutros tempos. O velho Campos do Cine Amboim homem que eu sempre muito admirei. O Senhor Victor Castanheira que, embora, não vivesse ultimamente na Gabela era o dono de todo esse bloco de casas, a Casa Lisboa e a Casa Americana. Enfim, voltando a Avenida da Igreja, um Daniel Gonçalves que mais tarde optou por outros caminhos, mas construiu todo o bloco da Sapataria Agostinho.

Relembrando esse tempo maravilhoso continuo:

O Borges alfaiate, o homem mau que disparou um tiro ao Evaristo Figueiredo, por lhe ter atropelado um pato. O velho Simões da oficina, homem que teve uma sociedade com outro grande obreiro da Gabela, o Ferrão, que mais tarde morreu. Mas falando no velho Simões, ele que

construiu todo o bloco de casas para, também fazer crescer aquela nossa querida Gabela. O Norberto Guedes Raimundo, também pioneiro, pois tinha o seu comércio, a fazenda e a única fábrica que havia de gasosas. O Senhor António Gonçalves de Magalhães, homem de uma só cara, que nunca se acobardava e muito menos mostrava medo a quem quer que fosse. Esses oficiais de “aviário” que foram para Angola tentar silenciá-lo, mas não conseguiram. Ele tinha apanhado muitas picadelas de mosquitos e ficou vacinado contra tudo. Felizmente uma injeção roubou-lhe a vida. Quem não conhecia o Cerveira que, nesse tempo, era a única casa de ferragens que existia. O Bacelar, um homem respeitado por toda a gente. O Orlando Garcez. Quem não conhecia o dono do Hotel Saúde? Mais tarde deixou esse hotel e dedicou-se com a sua esposa, dona Floripes, a uma pequena pensão. Quando ainda tinha o Hotel Saúde, todas as pessoas que vinham das fazendas com paludismo para serem tratadas no hospital primeiro passavam pelo hotel do Garcez porque, por vezes, ele evitava, com alguns comprimidos, a ida dessas pessoas ao hospital. Bom homem, o senhor Garcez, do qual eu guardo recordações de casos que ele me contava da sua vida... Penso que a dona Floripes já era a terceira mulher.

Temos o velho Almeida. Todo o corredor de casas do Bar Central era dele. Muito trabalhou esse homem para fazer tudo o tinha. Pena é que os filhos não tenham seguido o exemplo do pai. O velho Oliveira. Homem de grande espírito. Todo o bloco do Hotel Oliveira era seu. O velho Figueiredo do talho, quem não o conhecia? Só que os seus não lhe seguiram os passos. O velho Saraiva. Sei que a maioria das pessoas que lerem este artigo não o conheciam, assim como muitos dos que aqui relembro. O Senhor Saraiva era o dono dum prédio que ficava à esquerda de quem subia para o morro de Santo António. Um prédio que talvez tenha sido dos primeiros a ter água canalizada, embora puxada de um poço. O Senhor Andrade picheleiro, que com a sua motorizada corria a Gabela para atender os seus clientes, sempre com o seu cachimbo. O Senhor Pereira da ponte, também um pioneiro, assim como o Senhor Rodrigues, com quem dava gosto dialogar.

Temos o velho Ramalho o homem que um dia foi pedir ao administrador Raminhos para o deixar fazer um curral para os cabritos, na Aricanga. Afinal era uma casa para viver. Um dia, quando já lá estava a morar, teve a visita do fiscal que lhe disse que tinha construído ilegalmente. Ele respondeu-lhe que não. Que o administrador o tinha autorizado. O

fiscal comunicou ao administrador e este respondeu-lhe que apenas tinha autorizado a fazer um curral para cabritos. Então, o administrador mandou chamar o Ramalho e perguntou-lhe porque tinha feito uma residência, se apenas lhe tinha autorizado um curral. O Ramalho respondeu senhor administrador, apenas fiz um curral senão o senhor venha ver. O administrador foi com o Ramalho e quando lá chegaram disse-lhe: então isto é um curral? É sim, senhor administrador, quer ver? Dá um assobio, saíram os miúdos todos para fora e diz-lhe: estes são os cabritos. Dá outro assobio e saiu a mulher e diz-lhe: esta é a cabra (uma mulata). O administrador virou costas e nada mais lhe disse. Para quê?

O Senhor Silva tinha uma fazenda junto ao campo de aviação. Também tínhamos o velho Gabriel. Quem não o conhecia? Frequentemente a jogar o dominó no bar. Outro velho que considero amigo era o Senhor Cordeiro dos Seguros. O homem que quando abria a caça às perdizes, uma semana antes, ia ter contigo e dizia: não te esqueças que as primeiras são para me dares. Eu como amigo dele e do filho, sempre lhe fiz a vontade. Ele sabia que eu não faltava à abertura da caça à perdiz, como o meu amigo Viriato. Outro bom homem, era o Senhor Santareno da Administração, como era conhecido. Ainda hoje

quando vou a Portugal visito o seu genro, senhor Dr. Brito e a filha dona Fernanda. Outro pioneiro, o Borges do Quipindo. Quem não conhecia o homem que nos primeiros tempos no Amboim chegou a dormir em cima das árvores por causa do leão, pois a cubata onde vivia não lhe oferecia segurança. O velho Morais da Zunzua. Outro homem primitivo daquela área. O velho Carapichoso, que nunca largava o seu cigarro. Os irmãos Moutinho. Dos primeiros comerciantes da Gabela, de que foram empregados os donos da firma Duarte & Martins, antes de se estabelecerem. A casa Hermínios era deles. Depois é que passaram aos senhores Duarte e Martins. O velho mais amigo, João Rogério. Este era o mais carismático da Gabela. Tinha histórias da vida dele que davam um romance. Não as vou aqui referir, porque a paciência é pouca e a memória já não me ajuda. Este homem foi condenado para Angola em 1918, porque um seu camarada da tropa deu um tiro numa perna a um capitão. Ele que nada tinha com o assunto foi e não mais regressou. Teve como companheira a sua Mariquinhas. Dizia que era a única família que tinha. Construiu uma casa e um armazém na Sétima, onde viveu e do pouco café que lhe dava o arimbo junto da casa. Mais tarde, vendeu o armazém para uma serração. Continuou a viver no mesmo lugar.

Todos os dias vinha à baixa visitar os amigos. Não havia dia nenhum que me não visitasse. Sofria do estômago e tinha uma irmã em Portugal que todos os meses lhe mandava um medicamento que em Angola não havia. Nunca se assistiu na Gabela a um funeral com tanta gente na despedida, como foi o deste velho pioneiro.

Quem não se lembra do Doutor Navarro? O primeiro dentista da Gabela e de grande parte de Angola. Depois do meio dia estava sempre cheio de *brandy*. Era um perigo consultá-lo. Eu que o diga que estive às portas da morte. Temos o Dr. António José Diogo, o Delegado de Saúde, que fazia o favor de ser meu amigo, assim como a esposa, dona Branquinha. Tinha casos passados no Hospital que me contava e davam para fazer outro romance...

Muito mais podia escrever. Estes são os nomes que não foram lembrados naqueles dois últimos números que saíram. As pessoas que os escreveram, quando chegaram, já era a Gabela uma grande Vila. Quando eu lá cheguei, só havia luz nas padarias do Rocha & Coelho e do Nazaré e também no Cine Amboim, quando era dia de cinema. Lembro-me que quando o cacimbo era muito, os carros enterravam-se dentro da própria Vila. Ainda não esqueci aqueles dezassete

dias de barco para chegar a Angola e depois três dias para ir de Luanda à Gabela, numa Bedford do falecido Manuel Amaro, o primeiro amigo que me apresentaram. Foi o Fonseca Namora um adepto do Porto e, sendo eu do Benfica, nunca estávamos de acordo com respeito ao futebol.

Era para terminar aqui, mas lembrei-me ainda de alguns homens que conheci e que muitos, se calhar, não conheceram. O velho Semblano; um homem que já lhe custava sair da sua carrinha, mas que diariamente se deslocava da Aricanga para a cidade. Outro, o velho Reais, um homem que deixou muita família na Gabela e que também foi um obreiro da mesma. O homem que todos os dias o iam levar ao trabalho na sua cadeira de rodas, pois estava impossibilitado de andar. Já agora, relembro aqui os primeiros polícias que chegaram à Gabela e inauguraram a primeira esquadra. O Sub-chefe António Pires Gonçalves e os guardas Vicente, Dias Luís, José Gomes e Ricardo.

Até breve, prometo voltar.

Nota:

ANTÓNIO P. FERNANDES, vive actualmente na Califórnia, EUA. Na Gabela, trabalhou para a firma Duarte e Martins. Mantém-se ligado aos gabelenses desde sempre, com contactos permanentes.

RELEMBRAR...

Avelino Cancela

É sempre com infinita satisfação e igual nostalgia que leio e releio a "nossa" revista, que regularmente recebo e que bons Gabelenses nos fazem chegar às mãos.

Nesta revista têm vindo a desfilar nomes de todos conhecidos e amigos, alguns que já partiram e que recordamos com saudade e outros com quem nos vimos encontrando com certa frequência e, como não podia deixar de ser, os nomes das nossas queridas Gabela e Angola andam na baila, recordando os bons e maus momentos por que passamos, mas não esquecemos.

No entanto, creio ser também devido

relembrar outros, de lá naturais e que por lá ficaram, mas cuja memória não podemos olvidar.

No meu último emprego na Gabela (Casa Cerveira de António Lopes Cerveira) fiz boas amizades, como seja o Amadeu do Nascimento Oliveira, depois dono da antiga Auto-Reunidas e o Virgílio Tavares da Silva, que vim mais tarde a encontrar no Brasil na minha curta passagem por aquele país e que depois soube ter já falecido, o que senti muito.

No entanto, naquela casa comercial todos tivemos ocasião de conviver com um empregado natural da Gabela, creio, e o mais antigo de todos os restantes, chamado Quimbundo, Homem com letra grande, pois por todos era estimado e

respeitado pela sua conduta impecável e honestidade nunca desmentida.

Seu filho, Joaquim Noy do Costa, que connosco sempre conviveu, veio a ser meu empregado na loja que então abri, junto ao Banco de Angola, como agência de viagens e artigos de desporto e no qual depusitei sempre toda a confiança, nunca desmerecida.

O Noy, como todos o tratamos, comigo conviveu até Agosto de 1975, sempre na melhor das harmonias e a comprová-lo escreveu-me duas vezes, ambas as cartas postas em Portugal, tendo às mesmas respondido sem nunca obter resposta, talvez por nunca as ter recebido, pois entretanto sabíamos que o correio seria muito irregular naquele país.

Por telefone também tentei várias vezes obter ligação, mas nunca o consegui.

Aqui se publica a última carta dele recebida, já que, para mim e para os meus, é motivo de imensa satisfação, por vermos que a amizade que sempre fizemos nunca se desfez e que os ensinamentos que lhe pude transmitir e os que ele obteve no ensino que frequentou enquanto trabalhava, puderam fazer dele um homem de valor, desempenhando, quando me escreveu, as funções de Director Administrativo dum organismo governamental.

Creio que este meu modesto escrito irá relembrar em muitos de nós as pessoas de bem que lá encontramos e que não se esqueceram das amizades que deixámos.

Sumba, 27 de Janeiro de 1993.

Saudosa Família Cancela

É com bastante saudade e emoção que traço estas curtinhas linhas, na tentativa de, mais uma vez, vos tentar localizar, o que possibilitará realizar o sonho de um dia nos tornarmos a ver. Muitos foram os contactos surtidos sem efeitos. Com o objectivo de nos ver, estive em Portugal mais de quatro vezes (Setembro de 1984, Novembro de 1986, Dezembro de 1987, Novembro de 1990 e Agosto de 1992). A última estadia foi a menos favorita. Mas que, se os localizasse, pelo menos uma ou duas horas deveria fazer existir para matar a saudade que tenho dum(a) família de que sento também minha, ao longo de vários e inesquecíveis anos.

Não tenho palavras para vós neste momento. Contudo, estou convicto que estas pobres linhas vos chegam às mãos, que se encontrem gozando de perfeita saúde e que em princípio encontre receptibilidade da vossa parte, que possa dar origem a uma resposta saudável, desde há muito desejada.

(...)

Termino informando que nos encontramos bem (eu, irmãs, pais e meus filhos).

Neste momento vivo no ex-Novo Redondo, ou melhor, desde 1979 e estou desde 1985 a assumir o cargo de Director Administrativo do Instituto Nacional de Petróleos, uma instituição criada em 1983.

Vivemos momentos tristes (político e militar) e não conseguimos perspectivar o bom andamento do futuro de Angola.

E tudo. (...)

Beijinhos e abraços a todos

Noy da Costa



DIVAGANDO PELA AVENIDA

Fátima Gomes

Todos os dias penso em ti.

Todos os dias me levanto e com desencanto, de não te poder ver.

Meus pensamentos giram a volta de ti, porque o teu desprezo aumenta mais a minha dor. A dor de um desengano...

O teu desprezo é a tua morte, nem ao menos posso te pedir perdão nem ser perdoada.

Como eu choro não ouvir o teu último suspiro Pai... palavra tão forte e tão pouco usada prá quem como eu, com tristeza o tempo não deixou.

A distância nunca juntou as nossas presenças, e somente as diferenças evidenciaram mais o nosso destino, o destino que nenhum de nós escolheu.

Cada passo que dou é como, se acelerasse mais o meu sentimento e me perdesse pela avenida no vazio da noite.

Pois o meu aperto no coração é a confirmação da tua ausência, mas... os teus valores mais positivos eu ganhei, como tua filha serei para sempre.

Nota: Maria de Fátima Lameiras Gomes, é uma jovem de 23 anos, futura colaboradora do nosso Boletim, que não sendo gabelense, ela é do Miratejo, comunga dos nossos adiais.

A Direcção

EXTRACTO DA CONTA CORRENTE REPORTADA A 31 DE DEZEMBRO DE 2000

MOVIMENTO DE RECEITAS

Saldo em 31 de Dezembro de 1999	1.092.591\$50
Quotas de vários anos	342.000\$00
Juros de depósitos	13.775\$50
	355.775\$50

Soma 1.448.367\$00

MOVIMENTO DE DESPESAS

Correio	119.878\$00
Expediente	28.089\$00
Uma palma de flores	5.500\$00
Aluguer da aparelhagem de som	50.000\$00
Comp. gráfica Boletins n.ºs 6 e 7	84.500\$00
Entrevistas (jornalista) Boletins n.ºs 6 e 7	14.000\$00
Aluguer do Parque das Merendas	50.000\$00
Aluguer das mesas (Parque Merendas)	80.000\$00
Fotocópias	750\$00
	432.717\$00

Saldos:

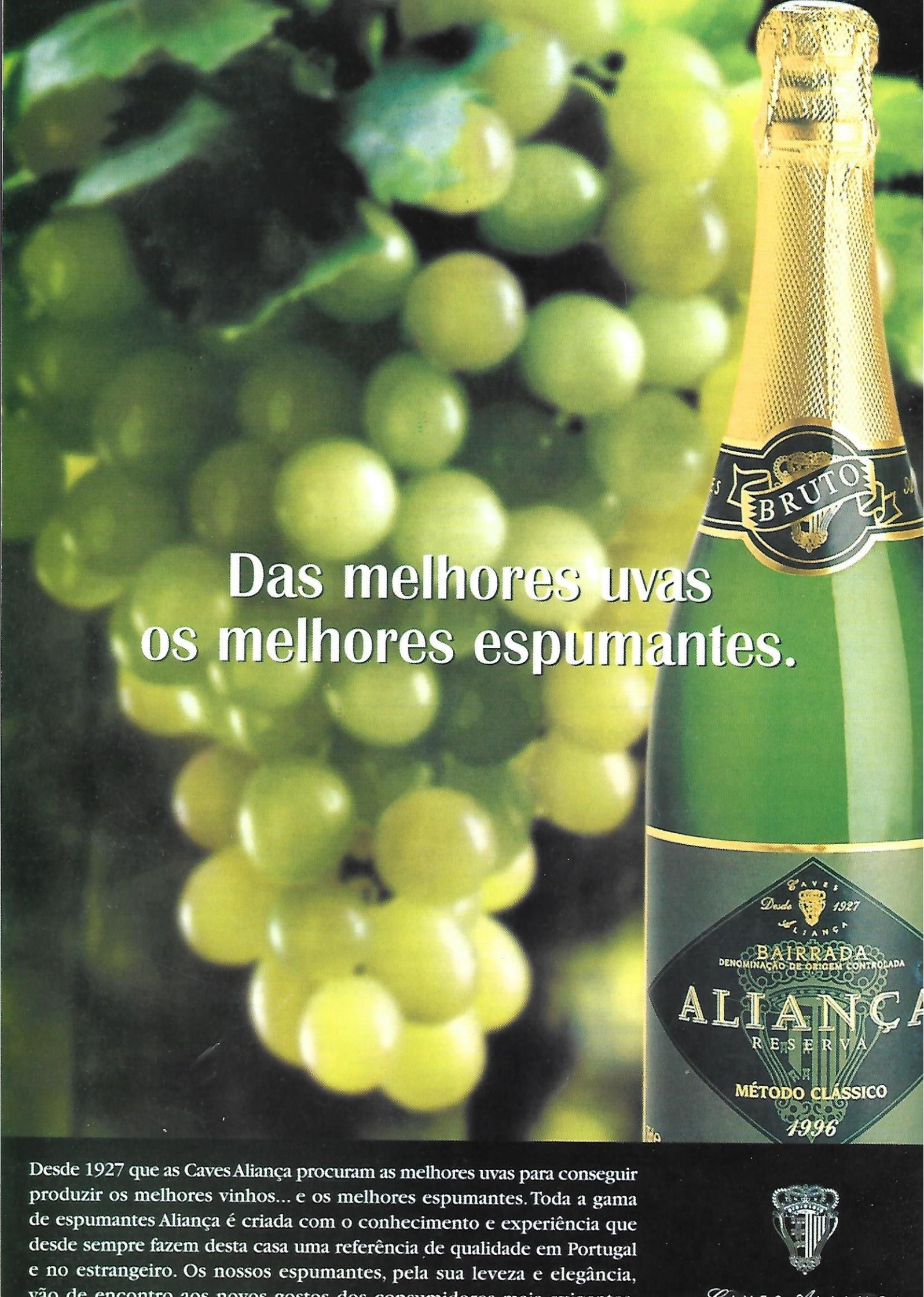
Em depósitos à ordem	215.650\$00
Em depósitos a prazo	800.000\$00
	1.015.650\$00

Soma 1.448.367\$00

As contas referem-se ao movimento da actual direcção e são reportadas ao ano de 2000, com o apuramento do saldo de Esc.: 1.015.650\$00, comprovado pela prestação de contas da tesouraria.

O Tesoureiro, ass. Acacio Oliveira

O Presidente, ass. Luís Henrique da Silva Carvalho

A bottle of Aliança Reserva Espumante wine is shown on the right side of the advertisement. The bottle is green with a gold foil-wrapped neck and a dark label. The label features a crest at the top with the word 'BRUTO' on a banner. Below the crest, it says 'BAIRRADA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM CONTROLADA', 'ALIANÇA RESERVA', 'MÉTODO CLÁSSICO', and '1996'. The background is a close-up of green grapes on a vine, slightly out of focus.

Das melhores uvas
os melhores espumantes.

Desde 1927 que as Caves Aliança procuram as melhores uvas para conseguir produzir os melhores vinhos... e os melhores espumantes. Toda a gama de espumantes Aliança é criada com o conhecimento e experiência que desde sempre fazem desta casa uma referência de qualidade em Portugal e no estrangeiro. Os nossos espumantes, pela sua leveza e elegância, vão de encontro aos novos gostos dos consumidores mais exigentes.

